

Financial Times comenta o clima de confiança existente no Brasil

JADER DE OLIVEIRA
Correspondente

LONDRES — Pela segunda vez nos últimos 12 dias o "Financial Times" comentou o novo clima de confiança criado pelo Plano Cruzado do Governo brasileiro. Desta vez foi o Editor de Assuntos Latino-Americanos do jornal, Robert Graham, que analisou as reações ao programa, durante viagem ao Brasil.

O resultado das suas observações estão contidas em longa matéria na qual afirma que "no Brasil popularidade é normalmente reservada para equipes de futebol e novelas de televisão, não para Governos. Mas o Governo do Presidente Sarney está desfrutando do calor da popularidade desde a introdução, no dia 28 de fevereiro, do Plano Cruzado".

A matéria, ilustrada por um gráfico mostrando as linhas da inflação a partir de 1983 e por uma fotografia do Ministro Dílson Funaro, diz que, em todas as partes do País, há um visível senso de otimismo e um ressurgimento do nacionalismo.

Graham compara o programa brasileiro ao Plano Austral do Presidente argentino Raul Alfonsín: "A diferença essencial é de circunstância. A estabilização está sendo introduzida no Brasil após um ano de crescimento excepcional e com a inflação se aproximando dos 400 por cento ao ano (projetando-se para 12 meses os índices de janeiro e fevereiro). Na Argentina, o Plano Austral surgiu depois de mais de três anos de recessão e com a inflação indo a mais de 1.000 por cento".

O analista do "Financial Times" afirma que, segundo observadores estrangeiros, é muito cedo para compartilhar do otimismo brasileiro. "Na verdade, privadamente admite-se que uma inflação anual de 20 por cento seria um sucesso".

O Governo — comenta mais adiante — está claramente orgulhoso da ausência do FMI na formulação do Plano Cruzado. A exclusão do Fundo é, parcialmente, uma medida para efeito popular, já que o FMI tem sido mantido informado após a adoção das medidas. Mas isto reflete também a convicção genuína de que o desempenho econômico do Brasil deve ser julgado por seus próprios méritos. Uma economia de 135 milhões de pessoas que consegue gerar o terceiro maior superávit comercial do mundo merece consideração.

Esta é a mensagem que os membros do Clube de Paris deverão receber este mês, no início das conversações preliminares para o refinanciamento da dívida de US\$ 8 bilhões do Governo brasileiro com os Governos dos países ricos.



Depois de referir-se ao empenho político do Presidente José Sarney em atrapar as aspirações do "carismático Governador esquerdista do Rio de Janeiro, Senhor Leonel Brizola", Graham diz que, para a maioria dos analistas, este saiu perdendo ao criticar o Presidente após a divulgação do plano econômico.

O artigo reconhece a importância do Ministro da Fazenda, Dílson Funaro:

"O senhor Funaro veio do setor privado, onde criou um negócio bem-sucedido de plásticos e de brinquedos. Seu conhecimento empresarial o ajudou a convencer o setor privado de que respeitará seus interesses. Isto também tem sido um valioso atributo, porque o setor privado está nervoso com a duração do congelamento dos preços e com a capacidade de o Governo manter-se firme em relação às exigências dos sindicatos".

O artigo do "Financial Times" fala dos problemas criados pelo congelamento, lembrando que o Governo está mais nervoso em relação à questão salarial. Para Robert Graham, o populismo de Sarney pode empurrá-lo para áreas de reformas nas quais ele já se mostrou relutante.

"Não obstante, se o plano der certo ele terá que tratar das desigualdades sociais do Brasil. Curiosamente, é mais o problema do sucesso do que o do fracasso que preocupa o establishment brasileiro" — conclui.